

## DIÁLOGOS E FRONTEIRAS ENTRE A FICÇÃO E O CULTO DOS SANTOS GÊMEOS

Italva Oliveira<sup>1</sup> e Humberto Oliveira<sup>2</sup>

1. Bolsista PROBIC, graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [italvafsa@hotmail.com](mailto:italvafsa@hotmail.com)

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [humbert\\_oliveira@yahoo.com](mailto:humbert_oliveira@yahoo.com)

Palavras-chave: Cultura, Mestiço, Caruru de São Cosme e Damião.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar o *Caruru de São Cosme e São Damião* como um festejo religioso sincrético, logo produto do entrelaçamento das matrizes culturais que deram origem à cultura brasileira. Para subsidiar a nossa argumentação, em primeiro lugar buscamos a fundamentação teórica em *A morte branca do Feiticeiro negro*, de Renato Ortiz (1991), que nos permite uma compreensão do processo de reapropriação e reelaboração de manifestações culturais de modo a miscigená-las, depurando-as de uma elevada carga de etnicidade, como se comprova por esta manifestação religiosa altamente mestiça onde predominam elementos da religião de base cristã pelo culto aos santos católicos, quanto de base africana, pela alimentação (o Caruru feito à base de quiabos e obedecendo a rituais de consagração) quanto aos ritmos musicais (cânticos e sons de tambor) remetendo à matriz africana.

Transitando num pedacinho da cultura popular e religiosa da Bahia (Caruru de São Cosme e Damião) e a literatura de Jorge Amado, busca-se nesse trabalho destacar a condição mestiça de uma manifestação cultural representativa da mestiçagem do povo e da cultura do Brasil.

### MATERIAIS E MÉTODOS:

Por se tratar de uma pesquisa de cunho bibliográfico, o trabalho se estrutura na leitura e fichamento dos textos literários, teóricos, críticos e históricos que fornecem elementos para o levantamento de dados e a análise e discussão proposta.

Ao discutir sobre o caráter mestiço da manifestação religiosa que é o *Caruru de São Cosme e Damião* buscamos subsidiar nossa argumentação, em primeiro lugar, tendo como fundamentação teórica em *A Morte branca do Feiticeiro negro*, de Renato Ortiz (1991), que nos permite uma compreensão do processo de reapropriação e reelaboração de manifestações culturais de modo a miscigená-las.

Buscamos também, a partir de *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado (2008), evidenciar a tese da mestiçagem proposta no romance como reflexo da cultura brasileira que carrega em si mesma a diversidade, tanto no caráter miscigenação da população, quanto nas manifestações culturais e religiosas.

Além do que, para melhor subsidiar nossa fundamentação, recorreremos aos estudos de Roger Bastide (1978), Vivaldo da Costa Lima (2005), Mircea Eliade (1992) e Humberto Luiz Lima de Oliveira (2003/2006/2009).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O Caruru de São Cosme e Damião caracteriza-se por ser uma manifestação religiosa essencialmente sincrética e mestiça, pois houve uma simbiose muito grande entre os cultos afro-brasileiros e a ideologia cristã europeia. Inicialmente impedidos de cultivar seus ancestrais africanos, os escravos passaram a associar a festa de São Cosme e São Damião ao culto dos *Ibejis* (divindade dual que representa a teofania dos gêmeos na cultura ioruba/nagô com assimilação simbólica ao sistema de catolicismo brasileiro) mantendo assim suas relações com o sagrado.

O culto aos gêmeos na Bahia é comemorado no mês de setembro, mais precisamente no dia 27. Em geral começa com uma missa em homenagem aos santos meninos e em seguida parte-se para a festa. Esse festejo conta com um altar preparado para os santos e com comidas típicas como o caruru, o xinxim de galinha, arroz branco, balas, doces, pipoca, amendoim. Segundo a tradição, os primeiros a serem servidos são os donos da festa: São Cosme e São Damião e as oferendas são precisamente colocadas no altar decorado para a ocasião, procedida a cerimônia, chamam-se os sete meninos, especialmente convidados para iniciar a comilança. A tradição manda que se prepare uma roda de sete meninos. Geralmente é colocada uma toalha de mesa no chão e as crianças se sentam ao redor. Eles geralmente sentam-se no chão e comem em pequenos pratinhos de barro, ou em um único grande prato como uma bacia. Não usam talheres, usam as mãos – embora algumas mudanças já começaram a ocorrer em torno da tradição do Caruru dos gêmeos como misturar meninos e meninas, comer com talheres, colocar em pratos individuais e descartáveis – ao final eles levantam-se e juntos cantam a música de Cosminho junto com os outros convidados da festa. Quando acaba a parte das crianças pode-se até iniciar uma roda de samba com os batuques dos tambores e cantos de samba.

Nesse sentido nota-se o amalgamento das culturas afro-brasileira às culturas tidas como de origem europeia. Sobre esse viés Jorge Amado, um dos grandes escritores brasileiros trouxe para a sua literatura marcas e reflexos da cultura brasileira tipicamente mestiça, trazendo para esse cenário os que, até então, haviam sido excluídos, postos à margem, por assim dizer. Jorge Amado inspirou-se em estivadores, pescadores, desempregados, subempregados, malandros, mães de santo e representou na sua literatura essas pessoas comuns que fazem do Brasil esse país diverso. Em *Tendas dos Milagres*, o autor traz a discussão questões como a violência policial às práticas religiosas dos candomblés, repressão à capoeira, e especialmente traz a tona questões sobre o caráter mestiço da população brasileira que fica evidente nas discussões dos personagens Nilo Argolo (personagem que defende a tese arianista de *raça pura*) e Pedro Archanjo (personagem consciente da miscigenação brasileira e que defende tal tese no romance).

Santos e orixás; brancos, negros e índios se confundem no enredo do povo brasileiro assim como na literatura amadiana. Ao enfatizar o caráter mestiço da população brasileira, visando tirá-la da margem a que sempre esteve relegada, buscou-se evidenciar que os preconceitos e as teses sobre a degenerescência que seria resultante da mistura das raças pregadas por estudiosos dos finais do século XIX, mostram-se como infundadas visto que a nossa nação, sendo mestiça, tem um grande leque cultural e intelectual a oferecer. Isso fica provado não só no romance *Tenda dos Milagres*, no papel de Pedro Archanjo, mas também na vida real, pois o Brasil, enquanto país miscigenado por natureza é muito rico em culinária, dança, arte, música, folguedos, sambas, intelectuais e literatos.

Devido à verossimilhança das personagens com essas personalidades que viveram em fins do século XIX, pode-se inferir que ao trazer à cena narrativa a personagem de Pedro Archanjo-Ojubá, segundo OLIVEIRA (2006, p. 16) “[..] Jorge Amado evidencia, em *Tenda dos Milagres*, as questões identitárias que lhe são tão caras. E no tempo do discurso, o narrador *in media res*, leva o narrador ao tempo da história (1868-1943) onde se realiza a pesquisa de campo para o resgate da vida e da obra de Pedro Archanjo... Com essa estratégia fica assim legitimada a obra deste – pardo, pobre, paisano – Pedro Archanjo, voltada para a herança afro-brasileira na formação da identidade nacional que ele vê como mestiça”.

Por defender uma mestiçagem desprovida de caráter de branqueamento proposta por outros autores, *Tenda dos Milagres* permite-nos compreender melhor os aspectos mestiços do culto aos santos gêmeos trazidos à Bahia pelos portugueses desde o início da colonização do Brasil e incorporados às tradições religiosas originadas dos escravos negros trazidos da África, sendo associados aos orixás meninos Ibejis. Assim, essa miscigenação europeia/africana, catolicismo/candomblé que se deu com o passar dos tempos no Brasil pode ser observado nos rituais dos Carurus aos santos gêmeos.

O caruru de Cosminho, como é popularmente chamado, é uma celebração complexa e sincrética, embutida em laços de famílias e santos, obrigações e devoções. Festa rica em dança, cantos, culinária, arte, infância e ludicidade cultural. Segundo o antropólogo Vivaldo da Costa Lima (2005, p. 22) “os iorubás, em suas várias etnias, entendem o sacrifício, o ebó, como a forma essencial da sua comunicação com os orixás”. O caruru – dos Ibeji ou de São Cosme e São Damião – “seria, então, mais do que uma oferenda, mas um sacrifício: o que na Bahia, o povo-de-santo chama de ‘obrigação’.”

Conforme dito, a presença do africano no Brasil se deu tão logo os portugueses chegaram aqui. No entanto, as manifestações culturais afro-descendentes, em sentido lato, sempre foram relegadas a um segundo plano, porém, aos poucos foram amalgamadas à cultura europeia e transformam-se nesse imenso caldeirão cultural/folclórico/religioso que é nossa cultura e que, assim como nossos povos é, nitidamente mestiça, como o próprio Pedro Archanjo fala “É mestiça a face do povo brasileiro e é mestiça a sua cultura”. (AMADO, 2008, p. 125)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, elenco aqui a contribuição da miscigenação brasileira como fator de enriquecimento da cultura universal – que se reflete no ritual aos santos gêmeos – e da qual Pedro Archanjo/Jorge Amado pregam tanto em *Tenda dos Milagres*. Para concluir, é importante frisar que Jorge Amado traz para a sua tenda a saga de pessoas comuns que “no amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam.[...] trabalham metais, utilizam ervas e raízes, misturam ritmos, passos e sangue; *na mistura criaram uma cor e um som, imagem nova e original*. (AMADO, 2008, p. 11) (*grifo meu*) Sobre essa questão OLIVEIRA (2006, P. 17) relata que “A importância que o escritor concede à cultura afro-brasileira, a relevância do papel que ele quer dar as camadas populares na formação da cultura e conseqüentemente, da identidade baiana, ficam explicitadas na opção do autor em abrir o romance, priorizando as manifestações da cultura popular, nas quatro páginas introdutórias, relegando a chamada “cultura de elite” apenas um parágrafo de três linhas, onde situa a Faculdade de Medicina.” Nesse caso, Jorge Amado busca dar visibilidade às camadas populares que fazem deste local uma universidade do viver baiano, invertendo o discurso dos que antes eram marginalizados e no romance se vêem como ativos construtores da identidade mestiça brasileira.

#### BIBLIOGRAFIA:

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: EDUSP, 1978.

\_\_\_\_\_, Roger. **O candomblé da Bahia**. Companhia Nacional, 1978.

CARNEIRO, Édison. **Candomblés da Bahia**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África**. Salvador: Corrupio, 2005.

OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. Jorge Amado e a releitura da formação identitária brasileira. Uma leitura em *Tenda dos Milagres*: por um outro conceito de mestiçagem. **Babilônia: Revista Lusófona de Línguas, Cultura e Tradução**, num. 004. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2006, p. 9-29.

\_\_\_\_\_, Humberto Luiz L. de. SOUZA, Licia Soares de. **Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogo**. 2. Ed. Feira de Santana: UEFS, 2003.

\_\_\_\_\_, Humberto Luiz L. de. **Celebrações da mestiçagem: o Afoxé no Carnaval da Bahia**. Conferência apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEB, Campus Xique-Xique (no prelo), 2009.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.